
São Paulo entre o som e a sombra: A música como texto cultural na semiosfera de um espaço urbano em transformação.¹

Marco Resende Rapeli²

RESUMO

Partindo do contexto da transformação urbana de São Paulo no último século e destacando os espaços urbanos como veículos de significados, o artigo analisa como a linguagem de músicas reflete e molda a experiência urbana. Através dos conceitos de Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin e Roland Barthes, utiliza duas músicas paulistanas de diferentes momentos como objeto empírico, e demonstra o processo de transformação como uma réplica da ideia dos fluxos sógnicos da semiosfera bem como a linguagem como veículo coletivo, com capacidade de subverter lógicas de poder, oferecendo um entendimento semiótico dos fenômenos migratórios e imobiliários do último século.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, semiótica da cultura, memória, semiosfera, espaço urbano.

CORPO DO TEXTO

1. Contextualização do problema: São Paulo como espaço urbano em transformação e suas memórias e signos.

Na metade do século XX, São Paulo tinha aproximadamente quatro milhões de habitantes e experimentou a maior taxa de crescimento populacional de sua história (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2019). De 1900 a 1950, a população aumentou de 240 mil para 2,2 milhões (JANNUZZI, 2004). A cidade, que atraiu muitos migrantes no período pós-guerras, teve um aumento significativo na densidade demográfica. Enquanto em 1960, havia cerca de 53 habitantes por km², em 2010 esse número já havia crescido para 166 habitantes por km² (IBGE, 2023).

O epicentro dessas transformações foi a região central da cidade, que

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM, Mestre em Comportamento Consumidor pelo MPCC-ESPM e Comunicólogo pela ESPM-SP; Pesquisador no Grupo de Pesquisa MNEMON (Memória, Comunicação e Consumo). Bolsista CAPES PROSUP-Taxas. E-mail: marco.rapeli@gmail.com.

experimentou ciclos de povoamento e esvaziamento. Esses ciclos foram impulsionados por forças contextuais, como a pandemia de COVID-19, políticas públicas, gestão urbana e planos diretores estratégicos. Por exemplo, o bairro da República, na região central, teve um aumento significativo no número de imóveis vagos: em 2010, 11,6% dos imóveis estavam vazios; em 2023, esse número saltou para 26,8%, representando mais de 11 mil imóveis desocupados (FOLHA DE SÃO PAULO, 2024)

Essa dinâmica centro-bairro ilustra a transformação do espaço urbano em dois cenários: o primeiro da transformação da paisagem da região central; o segundo do esvaziamento do centro e o povoamento dos bairros periféricos. Esses processos mostram uma cidade em constante busca por sua própria centralidade e identidade.

Assim, a transformação e constante readaptação e reconstrução do espaço urbano em suas dinâmicas sociais, arquitetônicas e no âmbito das políticas públicas e cooptações pela iniciativa privada não fogem à regra, e a cidade de São Paulo se faz um recorte fiel a essa gangorra.

Nesse contexto, como se dão as formas de expressão das pessoas enquanto moradoras e consumidoras desse espaço urbano em transformação na forma de produtos e produções culturais?

2. Objetivos do artigo

O artigo em questão visa compreender a linguagem como maneira coletiva de requisitar memórias no espaço urbano em transformação, analisando letras de músicas como elemento da cultura e texto cultural espelho das mudanças do mundo e como maneira de moldar a forma das pessoas de viverem seus próprios vínculos com esses lugares, outrora como lastros de signos, e depois como memórias coletivas.

Assim, o artigo estabelece uma relação entre cultura e sociedade, e a música como texto cultural, partindo de uma premissa de que a música pode atuar como uma mediadora da experiência urbana, ajudando os sujeitos a processar e dar sentido às mudanças em seu entorno, e, nesse sentido, ilustra essa dupla dinâmica social e urbana vivenciada nos últimos anos.

3. Percurso teórico e metodológico do artigo

O artigo se usa como foco duas músicas de compositores emblemáticos que, separadas por décadas, podem fornecer um tecido sógnico de experiências capaz de propor diálogos entre si e com o próprio espaço urbano, e portanto sendo um dos pulsos sociais das mudanças na paisagem urbana e nas vidas dos moradores da cidade.

As músicas escolhidas foram, primeiro, "Saudosa Maloca", de Adoniran Barbosa (1974), escrita na década 1950, no auge da primeira expansão imobiliária pós-industrial da cidade e, em seguida, "Buraco da Consolação", de Tim Bernardes e Jards Macalé (2019), lançada em 2019, que traz em formatos mais líricos e poéticos uma história de rompimento amoroso que evocam a memória e a emoção dentro de um cenário que, sob uma interpretação mais literal, pode evocar à região que mais sofreu esvaziamento nos últimos anos, contextualizada anteriormente.

Através de análise semiótica, o artigo busca revelar como essas letras narram as histórias de uma cidade em transformação, abordando temas como desapropriação, luto, resistência e memória. Para isso, o substrato teórico é alicerçado nas ideias de quatro teóricos: Iuri Lotman, Mikhail Bakhtin e Roland Barthes, como o caminho para fornecer ferramentas conceituais visando explorar as músicas como produtos culturais que tanto refletem quanto influenciam as percepções coletivas sobre transformações urbanas.

Referencial teórico

O referencial teórico deste artigo inicia-se a partir da ideia de Semiosfera, de Iuri Lotman (1999) - da Semiótica da Cultura - que é entendida como o ambiente, o receptáculo, o local para um sistema de significados, compreendendo que os signos precisam de um lugar abstrato para existirem, ganharem significado e tê-los ressignificados.

Nessa ideia, uma abordagem com enfoque semiótico deve pressupor uma abordagem distinta, dentro da qual, sistemas precisos e funcionais não são fixos ou estáveis, tampouco funcionam isoladamente, estando sob a influência de um *continuum*

semiótico - ou seja, um processo de significação e realocação dos elementos sógnicos que não acaba.

A semiosfera como espaço semiótico possui delimitações, bordas uma fronteira, que atua como filtro e do pontapé inicial no desenvolvimento semiótico, e trazem para o conceito da semiosfera dois conceitos antitéticos: a periferia e o núcleo, por onde os elementos sógnicos e a própria semiose transitam

Assim, na ideia da Semiosfera por Iuri Lotman, não existe uma mera ideia de transmissão de signos e significados, como um conceito unilateral ou hierárquico. Na verdade, os textos e as linguagens transitam de uma maneira mais fluida e bivalente, configurando a semiose nesse contexto como um intercâmbio, uma troca.

Compreendendo a linguagem como o veículo para os textos culturais e exatamente o elemento que pode transitar entre a periferia e o núcleo de uma semiosfera, a próxima camada conceitual desse artigo busca entender a linguagem também como uma propriedade não-individual, portanto coletiva e de instância absolutamente social, o que impulsiona (e é impulsionada) pela semiose e o *continuum* semiótico.

Para trazer essa questão, é crucial trazermos o teórico russo Mikhail Bahktin (1988), no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, onde o autor analisa a relação entre o signo, a ideologia e a esfera social, numa tríade inseparável. Isso porque para Bahktin, primeiramente, não existe a ideia de signo sem ideologia.

Ainda, a ideia de signo e a maneira como os signos são constituídos se dá - não pela consciência - mas por fatores externos e pela distância ou comparação de outros signos já conhecidos. A própria interpretação dos elementos sógnicos é viabilizada por meio de outros signos, em um *continuum*, em um ciclo.

Nesse processo, o terceiro elemento da tríade é a esfera social. Pois se cada esfera de criatividade - ou cada semiosfera - possui seu modo de orientação para a realidade, reflete e refrata a realidade à sua própria maneira, então cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social.

Assim, cada signo não é meramente um reflexo de uma realidade, mas também um fragmento dela, estando circunscrito dentro da própria realidade. Os

elementos sócio-culturais, portanto, só possuem condição vital em um terreno interindividual, pois é fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados e que formem um grupo para que se constitua um sistema de signos.

Com isso, Bahtkin avança dizendo que não é a consciência individual que pode explicar algo, e sim o oposto: a consciência individual que pode ser explicada através do meio ideológico e social (BAHKIN, 1988).

Sob esse alicerce, Bahktin analisa a diferença na tomada de consciência da fome, por exemplo, por um indivíduo não organizado, que não é integrante de um grupo social, compreendendo que, para este indivíduo, sua atividade mental será repleta de sentimentos como a resignação, a vergonha e o sentimento de dependência, mas que, em outra mão, uma mesma experiência negativa como a fome, vivida por pessoas que compõem grupos e classes - portanto coletivizadas - "nesse caso, dominarão na atividade mental as tonalidades do protesto ativo e seguro de si mesmo; não haverá lugar para uma mentalidade resignada e submissa. É aí que se encontra o terreno mais favorável para um desenvolvimento nítido e ideologicamente bem formado da atividade mental" (BAHKIN, 1988, p. 118).

É assim que o autor diferencia, dicotomicamente, a atividade mental do eu da atividade mental do nós, enfatizando como a experiência coletivizada e em grupo social possui modulações emocionais consideravelmente distintas.

Se Bahktin coloca a palavra como signo interior, e capaz de subverter uma atividade mental negativa a partir da experiência coletiva, essa designação para a palavra não é a única possível. Roland Barthes, por exemplo, define que o poder está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. (BARTHES, 1988).

Portanto, o poder que atravessa a língua se dá na medida que ela nos obriga a dizer algo devido sua própria estrutura, e que portanto a própria linguagem pode aludir a uma ideia fascista, pois o fascismo é exatamente o obrigar a dizer, mais do que o impedir de dizer.

No entanto, para Barthes, a linguagem e a palavra fazem-se como objeto uno para romper essa lógica de dominação, poder e aprisionamento propostas pela própria

linguagem e também pela palavra. O autor afirma que "só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura." (BARTHES, 1988, p.16)

Resultados e conclusões do artigo

A análise das canções "Saudosa Maloca" de Adoniran Barbosa e "Buraco da Consolação" de Tim Bernardes e Jards Macalé revela como a música serve como um poderoso meio de reflexão sobre as transformações urbanas em São Paulo, refletindo e influenciando as percepções coletivas sobre essas mudanças.

"Saudosa Maloca" fornece uma visão lírica, embora direta e concreta das transformações que ocorreram em São Paulo durante o grande movimento migratório dos anos 1950. A letra, que já caminha para seus 80 anos de idade, narra a demolição de casebres, casas e cortiços, substituídos por edifícios altos para acomodar o fluxo populacional descrito na contextualização.

A letra destaca tristeza e a resignação de um grupo de moradores, ilustrando como o progresso urbano resultou na perda de lares e memórias. A canção, ao mesmo tempo que reflete a noção de Assmann (2011) de que os locais urbanos possuem uma memória vinculativa poderosa, e utiliza a linguagem coletiva, conforme proposto por Bahktin (1988), para expressar o luto e a conformação diante das transformações, em diversos momentos.

"Buraco da Consolação", por sua vez, aborda o esvaziamento da região central de São Paulo, utilizando uma linguagem poética e alusiva. A canção de Tim Bernardes e Jards Macalé descreve um cenário de decadência e abandono, refletindo o deslocamento da centralidade urbana para bairros mais periféricos. A letra faz analogias entre a desilusão amorosa e a degradação urbana, sugerindo um abandono crônico e a perda de esperança na revitalização do centro. A música ilustra como a linguagem pode ser uma forma de resistência e subversão, conforme argumentado por Barthes (1988).

A semiosfera é fundamental para entender como as músicas analisadas

funcionam como mediadoras culturais, refletindo e moldando as percepções coletivas sobre as mudanças urbanas. A semiosfera, com sua dinâmica de núcleo e periferia, espelha a transformação contínua dos espaços urbanos - do centro aos bairros, por exemplo.

Dessa forma, as músicas ilustram o movimento pendular entre o povoamento e o esvaziamento da região central de São Paulo, narrando a ressignificação do espaço urbano e a criação de novas memórias e identidades.

As transformações urbanas em São Paulo são não apenas físicas, sociais e econômicas, mas também fenômenos semióticos, onde significados são constantemente negociados e reformulados. As músicas analisadas participam ativamente dessa ressignificação, funcionando como mediadoras culturais que coletam e refletem as tensões entre o centro e a periferia, o passado e o presente, o abandono e a esperança. As próprias canções, cada uma em seu tempo, isoladamente, podem ilustrar esses fluxos dos signos.

A cidade, entendida como uma semiosfera, guarda em suas esquinas como seus habitantes criam e recriam suas identidades e memórias coletivas, transformando São Paulo em um espaço vivo de significação contínua.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Campinas: UNICAMP, 2011

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, A. **Saudosa Maloca**. In: Adoniram Barbosa, 1974. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/2lWmqGC70SKMebW1HgPGkA?si=f64c7dd98fe841b6>>. Acesso em 12 de junho de 2024.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1988.

FOLHA DE S. PAULO. **20% dos imóveis do centro de São Paulo estão desocupados, mostra Censo**, 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/03/um-de-cada-cinco-imoveis-do-centro-de-sp-esta-desocupado-mostra-o-censo.shtml>>. Acesso em 09 de junho de 2024.

G1. **Censo mostra esvaziamento do centro**, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/>>

[sao-paulo/sp2/video/censo-mostra-esvaziamento-do-centro-12461653.ghtml](#)>. Acesso em 08 de junho de 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Fundação Seade lança perfil da cidade de São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/fundacao-seade-lanca-perfil-da-cidade-de-sao-paulo/>>, acessado em 11 de junho de 2024.

IBGE. **Cidades e Estados**, 2023. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/.html>, acessado em 06 de junho de 2024.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **São Paulo, século XXI: a maior metrópole das Américas**. Cienc. Cult. vol.56 no.2 São Paulo Apr./June, 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200017>, acessado em 10 de junho de 2024.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera**, vol. 1. Madrid: Cátedra, 1999.

MACALÉ, J; BERNARDES, T. **Buraco da Consolação**. In: Besta Fera, 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/12bl0g6ozNcmbGTiOFRRuI?si=72148dffab554263>>. Acesso em 12 de junho de 2024.

RAPELI, M. **Do Centro Ao Bairro-Centrismo: Uma análise histórico-comunicacional acerca da mudança da percepção de códigos culturais e imobiliários do centro de São Paulo no século XXI**. Congresso Internacional de Comunicação e Consumo (Comunicon), 2021. Disponível em: <<https://httpscomunicon.wpeengine.com/wp-content/uploads/2021/11/MARCO-RAPELI.pdf>>. Acesso em 12 de junho de 2024.